



**POLÍTICAS DE EXPANSÃO E OS CURSOS DE TURISMO DE UNIVERSIDADES  
PÚBLICAS: ALGUMAS CARACTERÍSTICAS DOS ACADÊMICOS NO PERÍODO  
DE 2008 A 2015**

**TANIA ELISA MORALES GARCIA**

Universidade Federal de Pelotas

[tanisa@uol.com.br](mailto:tanisa@uol.com.br)

**MARIA DA GRAÇA GOMES RAMOS**

Universidade Federal de Pelotas

[mggramos@gmail.com](mailto:mggramos@gmail.com)

**MARIA DA GRAÇA SARAIVA NOGUEIRA**

Universidade Federal de Pelotas

[proffgraca@gmail.com](mailto:proffgraca@gmail.com)

**Resumo**

Nos últimos anos, houve uma significativa expansão no Ensino Superior, através de políticas públicas. Muitas delas com o objetivo do aumento do número de cursos e de alunos nas universidades federais, incentivando o acesso a estudantes de classes menos privilegiadas da sociedade. Com isso surgem alguns questionamentos de quem são esses estudantes que ingressaram no ensino superior? Para refletir sobre essa questão, esse artigo tem como objetivo apresentar algumas características dos alunos que ingressaram na universidade pública brasileira, especialmente nos cursos de Turismo, no período de 2008 a 2012, articulando essas reflexões com o programa REUNI. Os dados foram obtidos através de questionários usando a ferramenta *google docs*, para alunos de 21 cursos de Turismo das IFES de fora da cidade de Pelotas. O link do questionário foi enviado através de e-mails e redes sociais. Para os alunos do Curso de Turismo da UFPel os questionários foram aplicados nas salas de aula. Identificou-se que a predominância dos acadêmicos está na faixa etária de 21 a 30 anos, são do sexo feminino, provem seu sustento através de atividades profissionais e auxílio das IFES e gastam entre R\$ 200,00 até R\$ 1000,00 mensais.

**Palavras-chave:** Expansão do Ensino Superior; Características dos alunos de IFES; Acadêmicos dos cursos de Turismo de Universidades Públicas.

## 1. Introdução

Nos últimos anos a universidade brasileira passou por significativas mudanças, no que tange as políticas de expansão do ensino superior, e consequentemente a incentivo de acesso a este por classes menos privilegiadas.

Além da universidade representar um importante espaço de produção e disseminação do conhecimento, ela significa, para uma parcela menos privilegiadas da população, uma possibilidades de galgar melhores condições sociais e econômicas, através de um diploma de nível superior.

O Ensino Superior no Brasil, nos últimos anos, passou por importantes mudanças. A partir do ano de 2003, foram implantadas várias políticas públicas, com o intuito de expandir o acesso de jovens às universidades. Dentre os programas instituídos pelo governo federal, podemos citar ProUni (Universidade para Todos), a Universidade Aberta do Brasil (UAB) e o Reuni (Programa de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais).

Ristoff (2014, p. 724) coloca que

Nos doze anos dos governos Lula-Dilma, o crescimento se manteve constante, embora em ritmo mais moderado, e mais em sintonia com as políticas globais de inclusão social, passando a expansão a estar visceralmente associada à democratização do campus brasileiro e orientada por um conjunto de políticas estruturantes implantadas nos últimos anos.

Essas ações, visam democratizar o acesso dos jovens à educação superior, procurando com isso minimizar as precárias condições socioeconômicas de uma grande parcela desses, consequência das desigualdades sociais e econômicas do nosso país.

Entretanto Dubet, (2015, p. 257), faz uma observação em relação a expansão e democratização de acesso ao ensino superior:

Quando se define a democratização com base no critério da igualdade de oportunidades oferecida a todos os indivíduos, de todos os grupos sociais, de ter acesso ao ensino superior, torna-se evidente que a massificação não é necessariamente uma democratização.

Nas palavras de Dubet, a expansão prevista nas políticas públicas, não garantiriam um acesso em iguais condições a estudantes de todas as classes sociais, ou seja, não poderíamos pensar que o aumento do número de vagas nas universidades não significa necessariamente um maior acesso a alunos de camadas menos privilegiada da sociedade, uma vez que continuariam não tendo as mesmas condições na disputa pelas vagas.

Santos (2008, p. 194) afirma que:

A explosão da população universitária, a alteração significativa da composição de classe do corpo estudantil e a ampliação dos quadros de docentes e investigadores possibilitaram a massificação da universidade e com ela a vertigem da distribuição em massa da alta cultura universitária. No limite, admitiu-se que a escolarização universal acabaria por atenuar consideravelmente a dicotomia entre alta cultura e cultura de massas. Não foi, contudo, isto o que sucedeu. A massificação da universidade não atenuou a dicotomia, apenas a deslocou para dentro da universidade pelo dualismo que introduziu entre universidade de elite e universidade de massas.

Santos chama atenção para outro elemento na realidade do ensino superior, a diferença de classes da sociedade se reproduz no ensino superior, no que diz respeito a diferenciação

entre as universidades. Podemos dizer que estudantes de classes menos privilegiadas não teriam igualdade de condições de acesso a qualquer universidade, mas maior oportunidade a universidades chamadas pelo autor de universidades de massa.

Bobbio (1993, p. 79) diz que:

Note-se que a introdução de uma desigualdade se traduz em ação do Estado que garante a instrumentalização da igualdade. O mesmo que corrigir uma desigualdade anterior. Assim, a nova igualdade é o resultado do nivelamento de duas desigualdades.

A partir dessa afirmação de Norberto Bobbio, podemos fazer uma relação, com as políticas públicas de educação, estas seriam os instrumentos do Estado para amenizar ou extinguir uma desigualdade estabelecida na sociedade, e dessa forma a educação permaneceria como uma forma através da qual os grupos menos favorecidos anteviam uma possibilidade de ascensão social

Em consequência dessa expansão do ensino superior, houve um aumento do número de cursos superiores dentro das universidades federais, do número de docentes e aumento significativo do número de alunos, em todos os cursos das IFES, e entre esses cursos estão também os cursos de Turismo.

Considerando essa expansão em termos do número de alunos, surgem alguns questionamentos, entre eles: quem é esse aluno que ingressou nos últimos anos nos cursos de Turismo das universidades federais, quais suas condições econômicas como ele se mantém durante o curso no qual ingressou, ou seja, como mantém seu sustento?

“Um dos desafios que se faz presente, diz respeito a compreender as novas características que apresentam os alunos ingressantes, seu perfil, e os impactos que isso pode representar para desenvolvimento institucional, e para cada projeto pedagógico dos cursos.” (AFONSO; RIBEIRO; RAMOS; GARCIA, 2012, p. 448).

Frente a essas considerações, e nossa inserção como docente junto ao Curso de Bacharelado em Turismo da Universidade Federal de Pelotas - UFPel, neste artigo, nosso questionamento se constitui em “Quais as características que compõe o perfil dos estudantes dos Cursos Turismo das Universidades Públicas Federais? E temos como objetivo apresentar algumas características dos alunos que ingressaram na universidade pública brasileira, especialmente nos cursos de Turismo, a partir do ano de 2008 articulando essas reflexões com o programa REUNI, o qual teve sua implantação no período de 2008 a 2012”.

Para atingir o objetivo proposto, abordaremos um panorama dos cursos de Turismo no Brasil, os cursos de turismo em IFES, além de apresentarmos dados de uma pesquisa em relação aos alunos dos cursos de Turismo das IFES, a partir do ano de 2008, ano de implementação do programa REUNI.

Levando em consideração essas ponderações sobre alterações no que diz respeito ao Ensino Superior do Brasil, torna-se importante focar no ensino superior de Turismo brasileiro.

Com esse foco, podemos ver que vários estudiosos tem mostrado uma preocupação sobre o tema, como por exemplo Ansarah Teixeira, Trigo, Rejowski, Matias e Dencker (2002), entre outros.

No ano de 1971, foi criado o primeiro curso de turismo no Brasil, na Faculdade Anhembí-Morumbi, hoje Universidade Anhembí-Morumbi. Ansarah (2002), coloca que os cursos de turismo passaram por quatro fases em diferentes décadas, quais sejam: década de 1970 - surgimento dos primeiros cursos; década de 1980 - Estagnação dos cursos ligada aos problemas econômicos do país; década de 1990 - Valorização e expansão dos cursos, tanto no aspecto numérico como de localização geográfica; e finalmente nos anos 2000 - acontece um equilíbrio entre qualidade e quantidade.

Nessa linha de raciocínio, vemos que nos anos de 1990, houve uma significativa aumento dos cursos de Turismo, em instituições públicas e privadas, podemos perceber que em 1994 no Brasil existiam 41 cursos de turismo, e no final de 1997, existiam 60 cursos superiores de turismo e 9 cursos superiores de Hotelaria no Brasil. No ano de 2002, esses números passaram para 576 cursos (INEP, 2002). Essa expansão permaneceu até o ano de 2005, quando já existiam 697 cursos de turismo, segundo dados do INEP (2005). Percebemos então, que em um período de 3 anos, ou seja entre 2002 e 2005 foram criados 121 cursos de turismo no Brasil. Hoje existem 22 universidade federais que possuem cursos de turismo, em algumas delas existem mais de um curso em seus diferentes campi (e-mec, 2015).

Para Panosso Netto (2009) o crescimento do número de cursos de graduação em turismo no Brasil, não significou um aumento na qualidade desses cursos. Em razão disso muitos cursos estão passando por dificuldades, principalmente aqueles que são lotados em universidades privadas. O mesmo autor destaca, que está acontecendo uma crescente demanda de alunos de cursos de universidades privadas para cursos de universidades públicas, as quais foram criadas em anos mais recentes.

## 2. Metodologia

Para este artigo, estamos utilizando dados do projeto de pesquisa “PROGRAMA REUNI: reflexos nos cursos de Bacharelado em Turismo de Universidades Federais”, que tem como objetivo analisar os reflexos do Programa REUNI, nos cursos de Turismo das Universidade Federais que aderiram ao programa no período de 2008 a 2013. O referido projeto teve apoio financeiro do CNPq, e teve duração de dois anos, iniciando em dezembro de 2013 a novembro de 2015.

Os dados foram coletados de duas formas: a primeira foi a aplicação dos questionários a todos os alunos, que estavam presente nas salas de aula no dia da pesquisa, e que ingressaram e ainda estão no curso de Turismo da Universidade Federal de Pelotas, no período de 2009 a 2015, totalizando 104 questionários.

A segunda estratégia utilizada para coleta de dados, foi o envio dos questionários através da ferramenta *google docs*, para alunos dos cursos de Turismo das Universidades Federais de fora da cidade de Pelotas. Para os estudantes da Universidade Federal de Pelotas, os questionários foram aplicados nas salas de aula.

Foram enviados o link do questionário aos alunos de todas as universidades, através de e-mails e redes sociais em um total de 22 universidades.

As Universidades que fazem parte do Estudo são: Universidade Federal de Pelotas – UFPel; Universidade Federal de Rio Grande – FURG; Universidade Federal Fluminense – UFF; Universidade Federal do Maranhão – UFMA; Universidade Federal de Ouro Preto – UFOP; Universidade Federal do Piauí – UFPI; Universidade Federal do Paraná – UFPR; Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRGN; Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ; Universidade Federal de Sergipe – UFS; Universidade Federal de São Carlos – UFSCar; Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM, Universidade de Brasília – UnB; Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA; Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO.

Os dados da UFSCar não foram incluídos no estudo, mesmo que tenha tido respondentes dessa instituição, uma vez que a mesma não aderiu ao Programa REUNI, que se refere a expansão e reestruturação das Universidades Brasileiras, e este artigo se propõe a apresentar os dados referentes aos acadêmicos considerando a expansão do Ensino Superior em razão das últimas políticas públicas federais, tendo o REUNI como balizador.

O instrumento de pesquisa original compõe-se de 30 questões fechadas e abertas, selecionou-se algumas questões que estão relacionadas a algumas características do perfil dos alunos que ingressaram no curso e período em questão.

### 3. Características do perfil dos estudantes

As respostas analisadas foram consideradas no período de 2008 dezembro de 2015, totalizando 504 respostas de diferentes universitários de cursos de Turismo de Instituições Federais de Ensino, como pode ser visto a seguir

Neste item, abordaremos algumas características dos 504 alunos de cursos de Turismo de diferentes universidades federais do país, entre elas: universidade que pertence, ano de ingresso, faixa etária, estado civil origem escolar do estudante; como o aluno prove seu sustento e qual seu gasto mensal médio.

#### 3.1 Respondentes por universidade e ano de ingresso:

Inicialmente, será apresentada a distribuição dos respondentes por Universidade e por ano de ingresso.

Através dos dados, observa-se que o maior número de respondentes são da UFPel 20,63%, e da FURG 14,88%, como era de se esperar, uma vez que nessas universidades, até o ano de 2013 os dados foram coletados através de questionários aplicados em aula, as demais respostas foram obtidas através planilha do aplicativo *google docs*. As Universidades que tem menor número de respostas são, UFSM (0,59%); UNIRIO (0,99%). A UFJF não apresentou nenhuma resposta.

**Quadro 1 – Distribuição dos respondentes por IFE e ano de ingresso**

Universidade	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	TOTAL
FURG	0	2	12	13	20	20	9	0	75
UFAL	3	0	1	1	0	1	0	3	9
UFF	1	1	0	7	5	6	0	0	20
UFMA	0	2	0	1	1	1	0	0	5
UFMG	0	0	3	11	6	4	1	0	25
UFOP	0	0	0	4	1	3	0	0	8
UFPA	3	0	3	5	11	5	0	0	27
UFPB	0	0	0	0	5	0	0	3	8
UFPE	2	1	3	2	3	5	5	2	22
UFPel	7	4	14	21	24	21	3	10	104
UFPI	1	2	4	7	10	10	6	7	47
UFPR	0	0	0	5	3	2	3	1	14
UFRN	0	1	1	2	8	5	3	0	18
UFRRJ	2	0	2	5	10	5	4	1	28
UFS	0	1	2	5	6	2	3	0	19
UFSM	0	0	0	0	1	0	0	2	3
UFT	0	2	2	3	2	0	0	0	9
UFVJM	0	0	4	1	1	4	1	1	13
UnB	0	0	2	6	7	9	6	0	30
UNIPAMPA	0	0	0	0	0	3	2	1	6
UNIRIO	0	0	0	2	0	0	0	4	5
UFJF	0	0	0	0	0	0	0	0	0

UFMS	0	0	0	4	1	3	0	0	9
<b>TOTAL</b>	<b>19</b>	<b>16</b>	<b>53</b>	<b>105</b>	<b>125</b>	<b>109</b>	<b>41</b>	<b>36</b>	<b>504</b>

Fonte: pesquisa direta, 2013 -2015

Sabe-se que com este número de respondentes, não poderíamos utilizar somente esses dados para traçar o perfil dos alunos dos cursos de Turismo das Universidades Federais, em razão da origem diferenciada de participantes de universidades que se encontram em distintas regiões do Brasil, entretanto, podemos dizer que estas características se apresentam como tendências a mostrar quem são esses alunos dos cursos de Turismo de IFES.

## 2.2. Idade dos universitários

**Quadro 2 – Distribuição por intervalo de idade**

<b>Intervalo de idade</b>	<b>Número</b>	<b>%</b>
Até 20 anos	117	23,21
De 21 a 30 anos	316	62,69
De 31 a 40 anos	40	7,93
De 41 a 50 anos	15	2,97
51 ou mais	16	3,17
<b>Total</b>	<b>504</b>	<b>100</b>

Fonte: pesquisa direta, 2013-2015

Quanto a idade dos respondentes, apresenta uma grande variação, em termos de amplitude de intervalo, que vai de 17 anos até 62 anos.

Estando distribuídos da seguinte forma: 117 (23,21 %) respondentes encontram-se na faixa de até 20 anos, inclusive; 316 (62,69%) estão no intervalo compreendido entre 21 a 30 anos, 40 (7,93%) alunos estão na faixa de 31 a 40 anos; 15 (2,97%) alunos tem idade entre 41 a 50anos, 16 (3,17%) com 51 anos ou mais. Salientando-se que os acadêmicos com mais idade, ou seja 55 e 57 encontram-se na FURG e UFPel, respectivamente, e os com menor idade, 5 respondentes com 17 anos, estão na UNIPAMPA, UnB e UFPel.

Portanto observa-se que o maior percentual, 62,69% (316) de estudantes dos Cursos de Turismo, está na faixa de 21 a 30 anos, o que corresponde a faixa etária que é usual estar frequentando um curso superior.

De acordo como o Documento da ANDIFES (2011, p. 42) “O estudante das federais é jovem. O maior grupo, quase 14%, tem 21 anos de idade. A grande maioria (73,7%) está na faixa de 18 a 24 anos (74,5% na faixa de até 24 anos). Ressalte-se que a média de idade mantém- se em 23 anos, o mesmo patamar de 2004”. Portanto, verifica-se uma uniformidade entre os dois estudos.

## 2.3. Sexo dos universitário

**Quadro 3 – Distribuição dos dados por sexo dos respondentes.**

<b>Sexo</b>	<b>Número</b>	<b>%</b>
Feminino	372	73,81

Masculino	131	25,99
Não respondeu	1	0,20
<b>Total</b>	<b>504</b>	<b>100</b>

Fonte: pesquisa direta, 2013 – 2015

Quanto ao gênero, os estudantes do curso de Turismo das Universidades Federais, percebe-se que há uma predominância do gênero feminino, totalizando 73,81% (372), em relação ao gênero masculino que representa 25,99% (131).

Este resultado corrobora com a afirmação de que “ A partir dos anos 90, a taxa de escolaridade feminina também aumentou em relação à masculina e alcançaram níveis elevados, mas concentrados em áreas como turismo, letras, artes, ciências biológicas, humanas e saúde”. (CAETANO E NEVES, 20019, p. 159).

No estudo sob a responsabilidade do FONAPRACE onde é relatado que “As mulheres continuam sendo o grupo predominante em todas as regiões, com um percentual nacional de 53,5%. Este percentual praticamente não se modificou desde 2004, que era de 53%” (ANDIFES, 2011, p. 43). Entretanto, observa-se que os índices de predominância do gênero feminino nos cursos de Turismo das IFEs é superior ao índice do estudo relatado.

## 2.4. Origem escolar dos acadêmicos

### Quadro 4 - Distribuição dos dados sobre o tipo de escola que cursou o ensino médio

<b>Tipo de Escola que cursou ensino médio</b>	<b>Número</b>	<b>%</b>
Escola Particular	<b>146</b>	<b>28,97</b>
Escola Pública	<b>331</b>	<b>65,67</b>
Parte em Escola Particular e Publica	<b>27</b>	<b>5,36</b>
<b>Total</b>	<b>504</b>	<b>100</b>

Fonte: pesquisa direta, 2013 – 2015

Percebe-se que a grande maioria dos estudantes pesquisados, 65,67% (331) provem de escolas públicas, 28,97% (146) vem de escolas particular e 5,36% (27), fizeram seu curso médio parte em escola pública e parte em escola particular.

No documento publicado pela ANDIFES em 2011, sobre o Perfil dos Estudantes de Graduação no Brasil afirma que:

Atualmente, pertencem às classes B2, C, D e E um contingente de 67,16% - maior do que o de 2003/4, que necessitam de algum tipo de apoio institucional para a sua permanência e conclusão de curso, e 43,7% - maior que o de 2003/4 - pertencem às classes C, D e E.

Esse conjunto de informações reflete a queda de um “mito”, que ainda existe em alguns setores da sociedade brasileira, de que os estudantes das federais são, em sua maioria, os mais ricos. (ANDIFES, 2011, p. 11)

Esses dados podem levar a dizer que os acadêmicos das universidades públicas, por pertencerem as classes menos privilegiadas, na sua maioria, frequentaram, no ensino médio, escolas públicas.

## 2.5. Estado civil dos universitário

**Quadro 5 – Distribuição das respostas sobre o Estado Civil dos alunos**

<b>Estado Civil</b>	<b>Número</b>	<b>%</b>
Casado(a)	48	9,52
Separado(a)/Desquitado(a)/Divorciado(a)	11	2,18
Solteiro	426	84,52
União estável	7	1,39
Viúvo(a)	1	0,20
Outro	4	0,79
Não respondeu	7	1,39
<b>Total</b>	<b>504</b>	<b>100</b>

Fonte: pesquisa direta, 2013 – 2015

No que se refere ao estado civil dos acadêmicos de turismo, que responderam a pesquisa, verifica-se que a grande maioria é solteiro(a), 84,52%, em bem menor número aparecem casado(a) 9,52%, seguido de Separado(a)/Desquitado(a)/Divorciado(a) 2,18%; em união estável 1,39%, e somente 0,20% ,1 respondente se disse viúvo. 0,79 % responderam que estão em outro tipo de relacionamento, entretanto não especificaram que tipo, além de 1,39% não responderam.

Neste item que compõe o perfil dos alunos pesquisados, mais uma vez os dados encontrados na pesquisa, que se referem somente aos estudantes dos cursos de turismo, estão em consonância com o relatório sobre o perfil do socioeconômico e cultural dos estudantes de graduação das universidades brasileiras, publicado em 2011.

Segundo o relatório o

O universo de estudantes solteiros é de 86,6% e de casados é de 7,68%. Observa-se que as regiões Norte (10,9%) e Centro-Oeste (10,2%) possuem o maior percentual de estudantes casados. Entretanto, este percentual apresentou grande redução em relação a 2004 (18,2 e 17,0%, respectivamente). (ANDIFES, 2011, p. 25).

## **2.6. Como o estudante provem seu sustento**

**Quadro 6– Distribuição das respostas de como os estudantes provem seu sustento.**

<b>Como prove o sustento</b>	<b>Número</b>	<b>%</b>
Bolsa e auxílio da IFES	116	22,20
Atividade profissional	145	28,03
Atividade profissional e auxílio IFES	47	9,42
Auxílio da família	80	15,25
Auxílio da família e auxílio IFES	9	1,79



Estagio remunerado e auxilio da família	3	0,67
Estagio remunerado	42	8,52
Atividade profissional e auxilio familiar	3	0,67
Outro (não especificou)	20	4,04
Não respondeu	47	9,42
<b>Total</b>	<b>504</b>	<b>100</b>

Fonte: pesquisa direta, 2013 - 2015

A partir dos dados do Quadro 7, percebe-se que há um número significativo de respostas de acadêmicos (33,41%) que recebem auxílio da IFES, seja em forma de bolsa permanência, auxílio alimentação, auxílio moradia entre outros. Dentro desse percentual, encontra-se estudantes que se mantem somente com auxílio da IFES (22,20%), e outros esses auxílios é combinado com auxílio da família (9,42%) e atividade profissional. 46,64% dos respondentes desenvolvem alguma atividade remunerada, seja através de uma atividade profissional (9,42%), estágio remunerado (8,52%), combinado com auxílio familiar e auxílio da IFES. Entre o total de respostas 67 (13,46%), não foi possível identificar de que forma os respondentes provem seu sustento, uma vez que 4,04% não especificou, e 9,42% não respondeu a questão. Entretanto o que predomina (28,03%) é o aluno que concilia trabalho e estudo.

O auxílio da IFES citados pelos respondentes, não especificam qual a modalidade deste auxílio, pode ser na forma de bolsas de iniciação científica, bolsas de extensão, bolsa de Programa de Educação Tutorial – PET, entre outras, além das bolsas permanência, a qual tem como “único cujo objetivo se esgota no pagamento das bolsas, pois se trata de auxílio financeiro de cunho social.” (PROGRMAS BOLSA..., s.d, s.p).

Na visão de Dubet, (2015, p. 257) “A democratização do acesso ao ensino superior não depende somente dos meios financeiros e dos capitais cultural e acadêmico das famílias. Ela depende também da estrutura geral do sistema educativo.

“O Programa de bolsa se destina a custear seus gastos durante o curso cuja carga horária os impede de realizar atividade remunerada.” (PROGRMAS BOLSA..., s.d, s.p).

Abrantes (2012, p. 5), acrescenta ainda que “mesmo tentando conciliar trabalho e estudo, enfrentando o tempo e o cansaço do dia-a-dia, os estudantes trabalhadores não conseguem alcançar a dedicação ao estudo necessário ao percurso acadêmico”

## 2.8. Media de gasto mensal do estudante

**Quadro 8 – Distribuição dos dados em relação ao gasto mensal declarado pelos alunos**

Valor	Número	%
Até R\$ 200,00	31	6,28
Acima de R\$ 200,00 a 600,00	170	33,73
Acima de R\$ 600,00 a 1.000,00	189	37,50
Acima de R\$ 1.000,00 a 1.500,00	51	10,12
Acima de R\$ 1.500,00 a 2.500,00	30	6,05
Acima de R\$ 2.500,00 a 5.000,00	10	2,02

Acima de R\$ 5.000,00	2	0,45
Não sabe	8	1,57
Não respondeu	13	2,57
Total	504	<b>100</b>

Fonte: pesquisa direta, 2013 - 2015

No que se refere ao valor mensal gasto relatado pelos respondentes, a maior incidência de respostas ficou na faixa de acima de R\$ 600,00 a 1.000,00, 37,50%, e em seguida na faixa acima de R\$ 200,00 a 600,00, 33,73%. Somente 2 (0,45%) relatam um valor mais elevado, acima de R\$ 5.000,00. Não obteve-se resposta de 21 estudantes (4,14%), 1,57% diz que não sabe qual seu gasto mensal e 2,57%, não respondeu.

Considerando o salário mínimo nacional de R\$ 788,00 em 2015, a faixa de gastos mensal dos estudantes, que apresentou maior incidência equivalia acima 0,76% a 1,27% do salário mínimo nacional, a faixa que apareceu em segundo lugar de gastos mensais, equivalia a 25% até 076%. Pode-se dizer que os gastos mensais de aproximadamente 70% dos estudantes ficou acima de R\$ 200,00 até R\$ 1000,00, o que mostra uma faixa bastante ampla.

Neste artigo, optou-se por não apresentar separadamente os dados por universidade ou região e sim apresenta-los em conjunto, entretanto sabe-se que existem diferenças marcantes, mas como os dados apresentados aqui, constituem-se em dados parciais da pesquisa, acredita-se que de nenhuma forma parecerá tendencioso ou com algum viés o estudo.

### **Algumas Considerações**

Neste artigo, tivemos como objetivo apresentar alguns aspectos do perfil dos alunos que ingressam nos cursos de Turismo das Universidade Federais Brasileiras, e que ingressaram no período de 2008 a 2015. Este período foi demarcado, uma vez que esta sendo considerando o período de implantação do REUNI, que foi de 2008 a 2012. Considerou-se o ano de 2015 uma vez que seus reflexos continuam até os dias de hoje.

Consideramos, nesta pesquisa tanto os cursos de Turismo de Bacharelado como os Cursos Superiores de Tecnologia, sem fazer nenhuma distinção entre eles e entre as regiões ou universidades onde os mesmos estão inseridos.

Os dados apresentados, fazem parte de uma pesquisa acadêmica, com período de realização de 2013 a 2015.

Podemos dizer que os acadêmicos dos Cursos de Turismo que mais responderam foram os que ingressaram no ano de 2012, e o menos número de respostas obtidas veio dos alunos que ingressaram no curso em 2008.

Apresentam como principais características: encontram-se na faixa etária que compreende o intervalo de 21 a 30 anos, há uma predominância do sexo feminino. São solteiros, e fizeram o ensino médio em escolas públicas, provem seu sustento com atividades profissionais e através de bolsa e auxílio das IFES, gastam entre R\$ 200,00 até R\$ 1000,00 mensais.

Conhecer quem é o aluno dos cursos de graduação, no caso deste artigo, acreditamos que é um desafio, e uma contribuição, não só para o ensino superior em turismo, mas também para ampliar os estudos no que tem como foco os alunos do Ensino Superior Brasileiro, quem são esses estudantes.

Com esse trabalho não se esgotam os dados sobre o perfil dos acadêmicos, apresentamos alguns aspectos que compõem esse perfil, uma pequena mostra de quem é esse

estudante hoje, além disso não foram consideradas as diferenças de universidades e diferenças regionais de onde os cursos estão inseridos

## Referencias

ABRANTES, Nyedja Nara Furtado de. **Trabalho e estudo: uma conciliação desafiante**. Campina Grande: REALIZE Editora, 2012.

AFONSO, M. R.; RIBEIRO, J. A. B.; RAMOS, M. G. G.; GARCIA, T. E. M. Estratégias para a permanência na Universidade: a Universidade Federal de Pelotas como cenário. In: II Conferencia Latinoamericana sobre el Abandono en la Educación Superior (CLABES), Porto Alegre. Libro **Actas – II CLABES**. Madrid: E.U.I.T. de Telecomunicación, 2012, p. 439-449.

ANDIFES - Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior. **Documentos relativos à Reforma Universitária**. Disponível em: [http://www.andifes.org.br/index.php?option=com\\_docman&task=cat\\_view&gid=32&Itemid=27](http://www.andifes.org.br/index.php?option=com_docman&task=cat_view&gid=32&Itemid=27). Acesso em: 4 Out. 2012.

ANDIFES. **Relatório do Perfil Socioeconômico e Cultural dos Estudantes de Graduação das Universidades Federais Brasileiras**. Fórum Nacional de Pró-Reitores de Assuntos Comunitários e Estudantis (FONAPRACE). Brasília, 2011

ANSARAH, M. G. R. **Formação e Capacitação do Profissional em Turismo e Hotelaria: reflexões e cadastro das instituições educacionais no Brasil**. São Paulo: Aleph, 2002.

BOBBIO, Norberto. **Igualdad y libertad**. Barcelona: Paidós, 1993.

Caetano, Edson, Neves, Camila E. P.(2009) Relações de Gênero e Precarização do Trabalho Docente. Revista **HISTEDBR** On-line, Campinas, n. Especial, p 251-263.

DUBET, Francois. Qual democratização do ensino superior? - **Caderno CrH**, Salvador, v. 28, n. 74, p. 255-265, Maio/Ago. 2015

E-MEC. **Cursos Turismo de Universidades Federais**. Disponível [www.e-mec.gov.br](http://www.e-mec.gov.br). Acesso em 20 novembro de 2013

INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. Site:< <http://.inep.gov.br>> Acesso em 2 de junho de 2002.

INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. Site:< <http://.inep.gov.br>> Acesso em 13 agosto de 2005.

PANOSSO NETTO, A. “Filosofia e Epistemologia do Turismo”. In PANOSSO NETTO, A.; TRIGO, L. G. G. **Cenários do Turismo Brasileiro**. São Paulo: Aleph, 2009.

PROGRAMA BOLSA PERMANENCIA. **O Que é o Programa Bolsa Permanência**. Disponível em <http://permanencia.mec.gov.br/> . Acesso em 30 de agosto de 2016.

RISTOFF, Dilvo. O novo perfil do campus brasileiro: uma análise do perfil socioeconômico do estudante de graduação. **Revista da Avaliação da Educação Superior**. Sorocaba, São Paulo: Uniso, v. 19, n. 3, p. 723-747, nov. 2014

SANTOS, Boaventura de Souza. **Pela Mão de Alice - O Social e o Político na Pós-Modernidade**. 9 ed. São Paulo: Ed. Almedina, 2013.